SJ015: A toca iluminada: Diário de sanatório

* **Título:** *A toca iluminada: Diário de sanatório*
* **Autor:** Max Blecher
* **Linha fina:** *A toca iluminada* apresenta as experiências de Blecher em sanatórios durante a década de 1930, onde a vivência na espécie de um mundo-bolha pode se sobrepor à realidade, por vezes estranha e cheio de rotinas. E é nesse lugar que sua vida interior passa a assumir um papel cada vez mais ampliado
* **Coleção:** Ayllon
* **Nacionalidade:** Romeno
* **Título original:** *Vizuina luminată: Jurnal de sanatoriu*
* **Copyright:** Domínio público. Os direitos contratados se referem apenas à tradução de Fernando Klabin
* **Categoria:** Literatura
  + **BISAC:** FIC019000: Ficção/Literária (ficção); BIO022000: Biografia e Autobiografia/Memórias Pessoais (não ficção); [FIC019000] Literária
  + **Thema:** [DN] Biografia e prosa de não ficção; [FC] Ficção biográfica/ficção autobiográfica; [FXK] Tema narrativo: Saúde e doenças; [FXM] Tema narrativo: Vida interior
* **Escola:** Diário
* **Assunto:** Autobiografia; Memória; Surrealismo; Onírico; Sonho; Artaud; Romênia; Literatura romena
* **Edição:** Suzana Salama
* **Tradução:** Fernando Klabin
* **Posfácio:** Luis S. Krausz
* **Editor assistente:** Paulo Henrique Pompermaier
* **Assistência editorial:** Julia Murachovsky
* **Capa:** Lucas Kröeff
* **Número de páginas:** 138
* **Dimensão:** 13,3 x 21 cm
* **ISBN:** 978-85-7715-835-5
* **Data de entrega de arquivos:** 15 de março de 2024
* **Sobre o livro:** Publicado postumamente em 1971, *A toca iluminada* é construída a partir de eventos biográficos do autor, reelaborados literária e imaginativamente. Em meio à rememoração dos tempos que passou internado em sanatórios, o narrador confronta-se com os limites da memória, buscando capturar os momentos de sua vida enquanto esvaem-se como "cinzas que passam por uma peneira". Focalizando "cada instante narrado, como quem coloca uma espécie de lupa imaterial sobre a própria passagem do tempo", Blecher busca recuperar os dias que passou na fronteira entre a realidade e o sonho. À medida que sua condição se agrava, devendo permanecer permanentemente acamado, a vida do narrador migra para os limites de sua consciência, uma "toca iluminada" onde a realidade se confunde com a fantasia, o surreal com o mundano, captando, o mais plenamente possível, o mundo que aos poucos lhe escapa. É nesse movimento, de completa interiorização das experiências, que Blecher mostra-se capaz de extrair "dos abismos, das trevas e do nada toda uma constelação iluminada: aquela de uma vida interior que fulgura na escuridão".
* **Sobre o autor:** Max Blecher (1909–1938) nasceu em Botoșani, Romênia, filho de bem-sucedidos comerciantes judeus do ramo da porcelana. Cursou o liceu em Roman, e em 1928 matriculou-se no curso de medicina da Universidade de Rouen, na França, mas foi obrigado a abandoná-lo pouco tempo depois por conta de sua saúde. Volta então para Roman, onde faleceria em 1938, depois de dez anos de uma sequência de internações hospitalares. A década de internações lhe rendeu muitos escritos e correspondências, como por exemplo as cartas trocadas com André Breton, líder do movimento surrealista francês, e os livros *Corpo transparente*, *Corações cicatrizados* e *Acontecimentos na irrealidade imediata*, além da publicação póstuma *A toca iluminada*.
* **Trechos do livro:**
  + **Capítulo do posfácio**
    - A doença como causa de exclusão e, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma ligação quase necessária entre o artista, portador de uma consciência superior, e a doença põem em evidência, paradoxalmente, as próprias doenças da sociedade na qual o artista é incapaz de viver, na qual não há lugar para ele, da qual ele não tem como participar. Eternamente dissociado de seu entorno e do meio social que o envolve, o artista encontra na doença um reduto onde pode se afastar da voragem e da pressa que regem as sociedades modernas, e onde pode exercer livremente sua liberdade, mergulhando em dimensões que jamais podem ser reduzidas ao cálculo.
    - Com o romantismo ocorre, portanto, um divórcio entre arte e sociedade: a única maneira que o artista tem para manter sua sanidade é a doença, que o mantém afastado de um mundo crasso, aparentemente saudável que, no entanto, lhe parece infecto, cruel e enfermo.
    - Ao focalizar cada instante narrado, como quem coloca uma espécie de lupa imaterial sobre a própria passagem do tempo, Blecher descobre (e revela para seus leitores) as múltiplas dimensões contidas em cada momento e, consequentemente, no próprio tempo. Sua escrita é um ato criador que extrai dos abismos, das trevas e do nada toda uma constelação iluminada: aquela de uma vida interior que fulgura na escuridão.
    - Aliás, se é que é possível classificar de alguma maneira a em tudo extraordinária narrativa de Blecher, então no gênero do testemunho — esta antítese do triunfante Bildungsroman ou romance de formação oitocentista, devotado ao protagonismo do indivíduo: seus livros, ao contrário, trata da precariedade e da fragilidade da vida, da vitimização do homem pelo destino, do triunfo inexorável da morte mas, ao mesmo tempo, do potencial de eternidade que habita cada instante. Como no diálogo entre Alice e o coelho, em Alice no país das maravilhas, de Lewis Carroll, quando Alice pergunta: "Quanto tempo dura a eternidade?" e recebe como resposta: "Às vezes, um instante."
  + **Capítulo do texto**
    - Tudo aquilo que escrevo foi, um dia, vida de verdade. Mas, sempre que penso isoladamente em cada instante que passou e tento revê-lo, reconstituí-lo, ou seja, restabelecer sua luz específica, sua tristeza ou sua alegria específica, a impressão que ressurge, antes de qualquer coisa, é a da efemeridade da vida que se escoa e, em seguida, a da completa ausência de valor com que esses instantes se integram naquilo a que chamamos, em poucas palavras, de existência de uma pessoa. Seria possível dizer que as lembranças da memória desbotam do mesmo modo como as que conservamos numa gaveta.
    - Experimentamos, pois, uma intensa vivência no instante do qual fazemos parte e que "ocorre" no momento atual, dado que sabemos que o tempo lhe vai obliterar o significado por completo
    - Pois então, qualquer que seja meu próprio "modo", a dor ou a inconsciência da minha morte, ao meu redor tudo continuará fixado em formas e volumes bem definidos e, talvez, em algum lugar da rua, naquele momento, uma pessoa vai se deter, pegar uma caixa de fósforos e acender um cigarro.
    - Não raro me ocorre ver, e ver de olhos bem abertos, coisas estranhas que só têm como acontecer em sonho e, noutras ocasiões, sonhar de olhos fechados durante o sono ou em simples devaneio coisas que, quando tento recordar, não consigo mais discernir em que mundo, em que realidade haviam se sucedido.
    - E a minha vida não passa de uma informidade a mais nessa pasta de eventos do mundo, amorfa em sua totalidade e indistinta.
    - É o deserto dos acontecimentos do mundo que rodeia cada vida, e cada vida permanece solitária e isolada nesse deserto absoluto de fatos que não param de ocorrer, sempre.
    - Pois então, observei que justamente isso forma o núcleo do sofrimento, e a conclusão foi simples: para escapar da dor, não devemos procurar "escapar" dela, mas, pelo contrário, devemos "cuidar" dela com atenção máxima. Atenção máxima, e proximidade máxima. Até o ponto de a perceber em suas mínimas fibras.
    - Na escuridão se evaporam as vidas humanas, da escuridão vêm e na escuridão se espalham como fumaça os sonhos dos que dormem, na escuridão desaparece a realidade do dia e todos os objetos nele contidos, a escuridão absorve e dissolve.
    - Para mim, aquela escuridão não foi suficiente e ainda espero com imenso desejo, com calma, com uma paciência por vezes exasperada, a escuridão definitiva da morte.
* **Contém imagens:** Não
* **Tiragem:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)
* **Data de lançamento:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)
* **Imprensa:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)